

Equatorial

v.10 n.19 | jul./dez. 2023
ISSN: 2446-5674

Dossiê: “Antropologia e Fotografia: experimentações e etnografias”

Apresentação

Gabriela Lucena de Oliveira Coutinho

Universidade Federal da Paraíba
gabi.lucenacoutinho@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-5822-1442>

Pablo B. Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
pablopineiro.foto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9783-2684>

Vicente de Paulo Sousa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
vicentypsousa@gmail.com
<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-7521-6576>

*Colocarei, assim, as imagens (todas as imagens) ao lado dos caranguejos do mar e das borboletas, isto é, na caixa das coisas vivas.
Etienne Samain (2018, p. 21)*

Partimos de um ponto em comum para traçar uma linha que pudesse contribuir com experiências visuais e reflexões sobre o uso da fotografia na Antropologia e suas formas de experimentações em etnografias. Este dossiê contribui com a compreensão das formas de perceber a imagem como algo vivo e potente (SAMAIN, 2018) e que pode

servir como importante aliada na construção de conhecimentos em torno do campo da Antropologia.

Falar sobre imagem não é algo recente, pelo contrário, já temos muitas contribuições e produções antropológicas no Brasil em torno deste tema, as quais envolvem a prática fotográfica nas etnografias. Nomes importantes para esse histórico trajeto da Antropologia Visual não podem ser esquecidos, tais como Sylvia Caiuby Novaes, Luiz Eduardo Achutti, Luciana Aguiar Bittencourt, Nuno Goldophim, Cornélia Eckert, Etienne Samain e outras(os) tantas(os), que trouxeram para o universo científico aberturas fundamentais para reconhecer o ato de experimentar o uso da fotografia como uma forma de escuta, análise e percepção do outro.

Importantes núcleos e grupos de pesquisas foram formados e incentivados a produzir pesquisas com a imagem (BARBOSA; CUNHA; HIKIJI; NOVAES, 2016; BARBOSA; CUNHA, 2006; GAMA, 2020b; NOVAES, 1997; 2014; SAMAIN, 2005). Este dossiê é fruto dessa construção coletiva e científica dada a partir das reflexões sobre a imagem nos diferentes núcleos e grupos de estudos das universidades brasileiras. Aqui, somos a soma de três núcleos que operam com a imagem no Nordeste, o Núcleo de Antropologia Visual (Navis) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome) da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) e o Grupo de Pesquisa Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários (Avaedoc) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que convergem e se misturam no território da Revista Equatorial da UFRN. Nós, organizadores do dossiê, operamos com a imagem nesses núcleos. Logo, o trabalho coletivo, compartilhado e participativo já é algo comum em nossa prática, assim como a escuta ao outro com afeto e respeito (CORADINI, 2019; GAMA, 2016).

Apesar do universo contemporâneo estar rodeado de imagens, sejam elas produzidas ou consumidas, lidar com fotografias ainda é um desafio imenso em nossas vidas. Quando a fotografia traz uma forma complexa, polissêmica e múltipla de ser (BARTHES, 2015; SONTAG, 2004), só aumenta o desafio de compreender como operar essa forma potente de voz nas pesquisas, análises e conclusões, dentro e fora do campo científico. A fotografia termina assumindo um fluxo contínuo de transformações como acontece nas manifestações vivas, segundo Samain (2018, p. 21). Mesmo complexas, ou

talvez por suas complexidades, as fotografias às vezes são capazes de nos revelar camadas de nós mesmos como nenhuma outra forma de registros e falas conseguem. Por isso, é muito importante estarmos disponíveis para escutar aquilo que os trabalhos visuais podem nos acrescentar, como uma forma de experiência ou fala.

As imagens, de acordo com Samain (2012), pertencem à ordem dos fenômenos, portanto, não podem ser comparadas “[...] a uma bola de sinuca ou a um prego que a tábua engole quando, nela, o martelo bate” (p. 158), ou seja, não podem ser simples objetos usados para algo ou para alguma coisa. As imagens operam em um lugar vivo, de transformações constantes, mesmo sem ser um sujeito, participando de um sistema de pensamento, são encontradas de diferentes formas.

Daniel Meirinho (2017) aponta três eixos que têm pautado o uso da fotografia nas Ciências Sociais: 1) aquele que considerava seu uso com a finalidade de ilustrar; 2) o que tem a fotografia como elemento vital na pesquisa científica, que coloca todo o foco do objeto na representação imagética; e, por último, 3) o eixo que tem a fotografia como elo que possibilita a relação e o diálogo entre pesquisador e colaboradores na pesquisa.

De acordo com Novaes (2008) existe comunicação ao lermos um texto e ao olharmos uma imagem. Para ela, “tanto as palavras e as frases que lemos em um texto, quanto as formas e as cores que vemos na imagem expressam algo sobre o mundo” (p. 455). Elas não são a reprodução do real, na verdade, a autora considera que as imagens o representam ou rerepresentam-no. Ao contrário da escrita, as imagens sempre existiram em todos os lugares, desde o período Paleolítico.

Destacamos que não é sobre a Antropologia Visual existir desde esse período, mas estamos falando que grafar com imagens é uma prática antiga, haja vista os desenhos rupestres, tão essenciais para a Arqueologia. Na Antropologia, os trabalhos com imagens iniciam bem depois, basta perceber que o surgimento dessa ciência não data de tanto tempo assim. Mas entre nomes pioneiros com essa agência, temos Bronislaw Malinowski que em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), utiliza as imagens como registros do estar lá no campo com os nativos estudados. Também vale destacar como pioneiros nessa empreitada antropológica com imagens, os pesquisadores na expedição ao Estreito de Torres em 1898, comandada por Alfred Hadonn, integrada por Charles Gabriel Seligman e William Halse Rivers. Nessa jornada, a câmera fotográfica e o cinematógrafo foram

ferramentas essenciais para os registros de campo. Margaret Mead e Gregory Bateson são outros dois exemplos de pesquisadores que se valeram dessa metodologia na pesquisa etnográfica. De 1936 a 1939, o casal realizou estudos em Bali, na Indonésia, cujo acervo fotográfico resultou num total de 25 mil fotografias e 7 quilômetros de rolos de filmes. Ao longo do tempo, outros pesquisadores inseriram em suas pesquisas a linguagem audiovisual. São muitos os nomes no Brasil e no mundo, que ficaria inviável citar aqui a diversidade deles e de seus trabalhos.

Para Anne Attané e Katrin Langewiesche (2005) a fotografia não pode ser comparada inferior ou superior à escrita. Para os autores, os princípios que orientam o uso da fotografia são tão rigorosos quanto àqueles que são adotados na escrita. Eles consideram que a fotografia imortaliza instantes e facilita, desse modo, a descrição.

Novaes (2021) nos motiva, enquanto pesquisadores, ao afirmar que não tem dúvida de que a fotografia é uma excelente via para aqueles que estão iniciando na pesquisa etnográfica. A fotografia favorece a saída do trabalho com entrevistas longas que, segundo a autora, empobrece a etnografia. Trabalhar com fotos permite que o pesquisador tenha outro tipo de aproximação com os interlocutores e o campo, pois, para fazer uma boa foto, é necessário que o pesquisador se aproxime ao máximo do campo, das pessoas e dos objetos, ou seja, de tudo aquilo que permeia o campo.

O desafio de compreender a operação da fotografia em trabalhos científicos não é algo simples. A fotografia, que é uma ferramenta que cria imagens, também é uma enorme potência para a pesquisa de campo. A fotografia assume um registro de memória, e, ao mesmo tempo, pode questionar de qual perspectiva de memória estamos tratando ou até quais os interesses a serem analisados nas imagens fotográficas. As possibilidades de uso na pesquisa são diversas, por isso, é importante dar voz para as imagens e em suas falas, tentar decifrar as suas múltiplas camadas de leituras.

Observar os trabalhos submetidos ao dossiê é também fazer um exercício de apreender a fala e as múltiplas expressões que transbordam do outro. As fotografias que são apresentadas, cada uma dentro de um contexto e autoria específicos, são carregadas de repertórios para que nós, leitores, possamos apreciarmos, refletirmos e, possivelmente, criarmos questionamentos. São trabalhos com diferentes perspectivas que devem ser vistas como diferentes vozes a serem ouvidas. Isso provoca a nossa prática de escuta

dentro da Antropologia, mas, dessa vez, devemos escutar aquilo que as imagens podem dizer.

As fotografias podem operar como um ponto complementar às reflexões ou como uma forma de se relacionar e criar conhecimentos a partir de uma experiência mediada por essa ferramenta. Podemos retornar ao campo com os registros fotográficos para melhorar um relato de imersão ou usar os registros como um processo de escrita de um caderno de campo, com possibilidades para explorar mais em detalhes os campos subjetivos e simbólicos.

Nos trabalhos deste dossiê, vamos ter diferentes formas nas quais as fotografias foram adotadas. Partindo da provocação de procurar trabalhos experimentais etnográficos, alargamos o campo para que as produções da imagem possam nos revelar e questionar seus caminhos na Antropologia. É com base nesse aparato teórico que aguçamos nosso ímpeto pelas imagens. Foi com fundamento nessas trocas e experiências com outros autores que nos sentimos provocados a convidar outros pesquisadores para expor para os leitores suas experimentações com as imagens em suas pesquisas etnográficas.

Este dossiê procura atender um espaço de reflexões sobre aquilo que vem sendo produzido no campo da Antropologia Visual atualmente. Os trabalhos que o compõe operam com a fotografia em suas pesquisas de campo e em suas reflexões científicas, trazendo novas contribuições para a disciplina antropológica.

Na Revista Equatorial temos uma importante ferramenta de trocas e diálogos com quem está procurando compreender o uso da fotografia no campo da Antropologia. Partindo dos estudos da Antropologia Visual brasileira para os que produzem a imagem no campo, os ensaios e artigos permitem que o leitor possa desfrutar dos caminhos e jornadas que as imagens seguem em suas operações e transformações. Portanto, os estudos que são aqui apresentados convidam o leitor para desfrutar dos caminhos e jornadas que as imagens podem operar e transformar.

Deixemos que as imagens nos conduzam!

*

Observar os ensaios visuais, corpus fotográfico (GURAN, 2000), submetidos ao dossiê, nos permite, como leitores das imagens, nos relacionarmos como espectadores de uma exposição visual. Os trabalhos deste dossiê trazem provocações, fazendo os nossos olhos navegarem nas imagens, camada por camada. Os textos nos ajudam a contextualizar a “fala da imagem”, trazendo dados etnográficos e nos estimulando a exercer uma leitura interpretativa daquilo que estamos observando.

Fabio Júnior da Luz Barros em seu ensaio intitulado *Olhares nativos: etnografando o II Encontro Quilombola em Pratigi-BA*, percebe que suas imagens, realizadas durante a pesquisa de mestrado, ainda precisam ser evidenciadas. Considerando a força que as fotografias possuem para gerar representações sociais em análises antropológicas, o ensaio em questão é uma demonstração de como foi a percepção e vivência do autor em campo.

Rever os trabalhos realizados em campo, aqueles que ficam nos fundos de caixas ou nos diretórios menos acessados do seu hd (*hard drive*), pode nos surpreender com algo que não estava pronto para ser visto antes. Em *Fotografias “despretensiosas”: as transformações do toré dos Tapuias Tarairiús da Lagoa de Tapará durante as feiras de cultura (2015–2018)*, Roberto Carlos de Mendonça nos apresenta algumas fotografias que foram feitas ao longo de sua incursão no campo sem pretensão de serem usadas. São imagens que falaram com ele agora, depois de alguns anos do fim da pesquisa, e demonstraram transformações relevantes que não saltaram aos olhos do autor quando foram feitas. Segundo Roberto, “revisitar as imagens também me faz pensar como as fotografias fizeram parte de minha pesquisa, e como ao longo da minha trajetória de pesquisador reatribuí significados diferentes as fotos, que um dia foram feitas de forma despretensiosa”.

As fotografias têm muitas camadas, sentidos e leituras. São consideradas polissêmicas e também ferramentas metodológicas potentes, mesmo que complexas, pois acessam campos abstratos como a memória. A imagem, dessa forma, evoca memórias. É o que apresenta o ensaio *Capoeira na roda, capoeira na vida: a fotobiografia como apresentação de si*, dos autores Maysa Carvalho de Souza e Gabriel Farias Pereira. Eles investigam, pelas fotografias do acervo pessoal do interlocutor, como as suas relações passam a ser reveladas pelas formas com que se evidenciam as imagens apresentadas. É possível percorrer um acervo de imagens e por sua edição descobrir um pouco mais sobre seu universo.

No ensaio *Trabalho e a sociobiodiversidade a partir de experiências etnofotográficas na feira do Juaba, Cametá/PA*, de Tiago Corrêa Saboia, são evidenciadas estruturas de diálogos entre as imagens que permitem investigar suas interligações. Ou seja, entre algumas sequências de imagens, nas estruturas de narrativas, existem diálogos entre uma fotografia e outra que nos trazem uma possibilidade de interação com o conteúdo visual de uma forma mais imersa. Seu ensaio nos aproxima da possibilidade de experimentação dos sentidos poéticos dentro da composição de um registro fotográfico no campo. Saboia destaca que essa experiência etnofotográfica lhe permitiu estabelecer outras conexões além da coleta de dados, com o lugar e com as pessoas. Um olhar poético que está impresso em sequências entre suas imagens, que permite generosamente que o leitor e espectador possa construir sua leitura nas sequências das formas presentes nas coisas vendidas da feira, nas formas das pessoas e até nas estampas das roupas. Cada combinação busca ser legítima ao ritmo e ritual da feira do Juaba.

Gabriela Acerbi Pereira e Flávia Nogueira Pereira apresentam, em um trabalho de campo compartilhado, um olhar poético para memória dos saberes da cura que relaciona a etnologia e a botânica. No ensaio *Saberes de quintais: práticas espirituais, cura e os usos das plantas no território sul-mineiro*, são aprofundadas as práticas diaspóricas/afro-indígenas e suas performances e feitura, que contribuem com uma escrita das imagens. Tal escrita nos faz navegar por uma relação entre horizontal e vertical, depois um destaque para o alecrim, que vem segurado por uma mão em um fundo de parede amarela, que segue um movimento de envolvimento nas imagens seguintes. Fotografias que nos permitem, enquanto leitores, participarmos da investigação de escutar o que as imagens podem estar falando enquanto observamos e navegamos o olhar por cada uma delas em sequência.

O ato performático do corpo no ensaio de Pereira e Pereira é uma parte importante para a composição das imagens. São fotografias que assumem a presença em sua criação e que nos permite fazer leituras e construção de conhecimentos. A possibilidade de inserir o ato performático do corpo em uma narrativa visual alarga ainda mais o uso das imagens em análises antropológicas. Ao lidar com temas que muitas vezes são delicados, com acessos restritos, alguns autores optam por criar a sua investigação em si mesma e operam em estratégias criativas que nos trazem inovações importantes, como é o caso do trabalho de autoetnografia (GAMA, 2020a).

Neste dossiê, o ensaio *A Covid-19 experienciada: adoecimento e imaginário* de Geissy Reis e Ruanna Gonçalves constitui a presença de si e do corpo como parte das composições das imagens. As fotografias revelam aquilo que está no campo do indizível da vivência e do imaginário em torno da experiência coletiva de adoecer durante o período da pandemia. Com estratégias de criar um roteiro pré-definido, as autoras constroem uma estrutura para uma narrativa visual que aborda a imagem, o corpo e a processos de adoecimento e saúde. Para as autoras, o ensaio é um ato foto performático de experimentação que contém um fazer político no contexto sociocultural, situando a condição corporificada do conhecimento.

Ramon Reis em seu ensaio *Corpo (in)finito? Fronteiras entre vida e morte*, utiliza a performance visual como forma de explorar a relação entre corpo, espaço e morte. Através da performance, o autor cria uma narrativa visual que questiona a marginalização de certos corpos e espaços, bem como a violência que é infligida sobre eles. Com fotografias em preto e branco e com a definição de alguns simbolismos, as imagens destacam uma conexão que o corpo carrega em sua performance.

*

Nos artigos submetidos ao dossiê temos contribuições muito valiosas, pois privilegiam o uso da fotografia aliada ao texto escrito, ressaltando sua eficiência na entrada do campo, na manutenção de vínculos com interlocutores, além da potente ferramenta que ajuda a falar sobre práticas e subjetividades no campo de pesquisa. João Martinho Braga de Mendonça no artigo *“Margaret Mead e Ken Heyman: colaboração entre uma antropóloga e um fotógrafo na segunda metade do século XX”*, discute a evolução do uso da fotografia na Antropologia, desde sua utilização como mera ilustração, até sua incorporação como linguagem visual capaz de articular pensamentos que vão além das limitações da expressão escrita. O trabalho de Mead e Heyman é apresentado como um exemplo dessa evolução, com ênfase na importância da integridade da imagem fotográfica e na necessidade de repensar as categorias do pensamento antropológico. O autor também destaca a mudança de perspectiva de Mead em relação ao uso das imagens ao longo de sua carreira, bem como a importância da reflexão crítica sobre as categorias antropológicas clássicas e os sentidos da prática antropológica. O texto levanta questões sobre as limitações da Antropologia

Visual como produto de dinâmicas de poder colonial e a necessidade de uma abordagem mais inclusiva para o uso de imagens na Antropologia.

Antonio Micael Pontes da Silva, Antonio Ailton de Sousa Lima e André Victor Oliveira, no artigo *“Rural e urbano em trânsito: fotografias da vida cotidiana em uma cidade cearense”*, discutem sobre urbano e rural destacando a importância de se pensar a cotidianidade fotografada como uma forma de desenhar e causar estranhamento sobre o que é dito como não evidente, insignificante ou o que está à margem. Isso, de acordo com os autores, permite registrar e representar as múltiplas tensões e facetas da vida cotidiana. Os autores também discutem a importância de se pensar a imagem na contemporaneidade no âmbito do social e como a fotografia pode ser utilizada como uma prática artesanal de pesquisa crítica e reflexiva para capturar questões socioculturais que permeiam as realidades. Nesse trabalho, a importância da Antropologia da Imagem se torna imprescindível para uma compreensão antropológica, social e visual dos agentes em estudo.

No artigo de Aline de Jesus Maffi intitulado *“A “fotrica” como malha e possibilidade de reemergência da memória coletiva”*, a autora mobiliza uma reflexão sobre a trajetória da relação entre imagem e Ciências Sociais e suas implicações teóricas e metodológicas. Aciona o conceito de malha, de Tim Ingold, para pensar a cultura material e as relações de comunicação, integração e fluxo entre coisas. Esse conceito possibilita evidenciar a potencialidade e os possíveis cruzamentos relacionais entre as trajetórias específicas entre mulheres e memórias coletivas por meio da fotrica. Em termos metodológicos, sua pesquisa se destaca pela utilização da fotrica como instrumento teórico para fundamentar a articulação de fotobiografias de mulheres, compostas a partir de fotografias integrantes de álbuns de família.

No artigo de Alysso Camargo, cujo título é *“Luiz Braga: uma poética visual da Caboquice?”*, sua contribuição se destaca enquanto abordagem experimental a partir de uma dinâmica adotada ao longo dos últimos cinco anos de pesquisa sobre o trabalho de Luiz Braga. O autor descreve um processo de enfrentamento solitário com as imagens, seguido por diálogos paralelos com referências teóricas, metodológicas e revisão bibliográfica, além de entrevistas com o próprio artista. Camargo também destaca a importância da entrada no campo da Antropologia Visual e sua formação nas artes para a análise socioantropológica ter uma estrutura estética forte e articulada. Além disso, o autor

ênfatisa a relevância da fotografia como uma ferramenta de investigação e reflexão crítica centrada na imagem que possibilita uma relação íntima e potencializa o entendimento das relações entre os sujeitos.

José Luís Abalos Júnior e Hermes de Sousa Veras no artigo *“Imagem, Religião e Território: uma experiência de curadoria digital”*, defendem a importância da imagem como fator central nas pesquisas antropológicas. Para eles, as imagens não devem ficar sob posição marginal ao texto, e no caso deles, apontam para a necessidade de levá-las a sério e considerar os aspectos estéticos e éticos da fotografia no campo religioso. Em termos de metodologia, o destaque é dado à diferença entre os perfis de narrativas imagéticas realizadas por pesquisadores/as do campo religioso e por pesquisadores/as do campo da Antropologia Visual e da Imagem. Enquanto os/as primeiros/as usam a câmera fotográfica como um incentivo ou um “auxílio” às suas pesquisas com práticas religiosas, os/as pesquisadores/as formados no campo da Antropologia Visual e da Imagem percebem a imagem como fio condutor de todo o desenho de investigação e não um complemento ao que está estabelecido metodologicamente.

Diante do conteúdo exposto, vale a pena conferir as experimentações de autores que ousaram com a fotografia narrar para além da escrita etnográfica. Nenhuma se sobrepõe a outra, mas se complementam, sobretudo quando aguçam nos leitores outras percepções. É a intersecção daquilo que se ouve, aliado àquilo que se vê, que possibilita uma leitura ainda mais intensa e, se comparado ao rizoma, cria bifurcações interativas que acionam múltiplas sensações e afetos em nossa memória.

As imagens nos causam essa sensação de ardência, como bem propôs Georges Didi-Huberman (2012), porque elas, assim como acontece em um incêndio, deixam cinzas e fragmentos daquilo que já foi experimentado. O processo de revisitar imagens também causa essa sensação, porque traz à memória afetos que já existiram num dado tempo. Portanto, empreender na ação de contato entre imagem e o real é considerado, de acordo com Didi-Huberman, como uma espécie de incêndio. As imagens não existem por acaso: cada clique teve lá sua intencionalidade de registro e o fato de as guardarmos na caixinha

que contém as coisas vivas, fazendo-as sobreviver aos incêndios, potencializa ainda mais as nossas relações para com elas.

Acreditamos que os trabalhos publicados neste dossiê cumpriram esse papel, o de trazer as imagens para a arena de discussões tão necessárias, causando ainda mais impacto no leitor, fazendo-o compartilhar um pouco do campo pesquisado, mas com outras sensações e possibilidades de análises.

Os autores agiram conforme o desafio proposto por Lilia Schwarcz (2014) quando falou da urgência e necessidade de lermos as imagens tal qual lemos um texto clássico, um documento cartorial ou uma notícia de jornal. Experienciaram, no sentido declarado por Fabiana Bruno (2019, p. 201), pois utilizaram as imagens levando em conta “sua presença como resíduos, vestígios, exercícios, memórias, imaginação, histórias, questões passadas e profecias futuras”.

Os autores e seus trabalhos mostraram que as imagens também são grafias, um tipo de inscrição, tal qual a escrita, e que elas nos ajudam a imaginar e narrar (BRUNO, 2019). Elas acionaram memórias, assim como podemos ver no trabalho de Roberto Carlos de Mendonça, que achou que fotografava de forma despretensiosa, com alguma neutralidade, mas, ao tirá-las da caixinha, percebeu que existiu naqueles momentos uma intencionalidade, o ato de fotografar aqueles eventos de algum modo lhe atravessou, lhe afetou. Esses instantes e encontros são, na verdade, histórias, trajetórias, um tecido costurado sob os fios que interligam as relações humanas. Sobre isso, Fabiana Bruno reforça que “as imagens carregam tempos heterogêneos e montagens temporais profícuas para convocar o nosso olhar sobre a história e para acionar memórias e desejos” (2019, p. 201).

Foi com esse objetivo que propomos esse dossiê, idealizando conhecer pesquisas que trouxessem a ousadia de falar e escrever também com as imagens. A vontade era também sentir essa ardência da qual fala Didi-Huberman (2012), essa inquietação, como um convite ao diálogo numa outra linguagem, uma experimentação que possibilita agências ativas muito mais do que passivas, como pontua Schwarcz (2014).

Por fim, é nosso desejo que cada leitor se sinta provocado a pensar através dessa grafia tão potente que é a fotografia. Aqui, ela é usada para comunicar e afetar, mas também é teorizada nos artigos publicados por autores competentes na pesquisa

etnográfica que, em suas metodologias, usam o visual como construção de vínculos para entrada no campo. Estes estudos mostram aos leitores as inúmeras possibilidades que as fotografias nos proporcionam na divulgação de resultados de pesquisas.

Ademais, cremos que os pesquisadores que integram esse dossiê com seus respectivos trabalhos estão na trilha certa das imagens na etnografia. Os trabalhos, em suas particularidades, dialogam com as perspectivas teóricas que orientam para o uso das imagens na pesquisa. Vale destacar que diante da singularidade e subjetividade de cada pesquisador, seus campos e interlocutores, talvez não seja possível comparar com os trabalhos da vanguarda, daqueles que vieram um pouco antes, até mesmo porque, na contemporaneidade, pesquisamos em contextos sociais mais próximos de nós, as tecnologias também atravessam nossos fazeres nos proporcionando uma infinidade de possibilidades.

De todo modo, o que queremos enfatizar é que os trabalhos que compõem esse dossiê atendem as expectativas daquilo que pensamos quando o propomos, que era, justamente, ver as experiências visuais ajudarem a narrar histórias, instigando nossos sentidos, nossas emoções e afetos.

Referências

ATTANÉ, Anne; LANGEWIESCHE, Katrin. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na Antropologia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 133–151, 2005. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-21.-10-Anos-1995-2005.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar T. da; HIKIJI, Rose Satiko G.; NOVAES, Sylvia C. (Orgs.). *A experiência da imagem na etnografia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2016.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRUNO, Fabiana. Potencialidades da experimentação com as grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens. *Tessituras - Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas/RS, v. 7, n. 2, p. 198–212, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1024/822>. Acesso em: 20 mai. 2023.

CORADINI, Lisabete. A arte da escuta. *Vivência: Revista de Antropologia*, Natal, v. 1, n. 53, p. 262–292, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/20980/12784>. Acesso em: 12 mai. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206–219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454/12311>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 15, n. 45, p. 116–130, 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/GamaArt.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 45, n. 2, p. 188–208, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/33792/27363>. Acesso em: 10 mai. 2023.

GAMA, Fabiene. Antropologia e Fotografia no Brasil: o início de uma história (1840–1970). *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/163363/162875>. Acesso em: 02 jun. 2023.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155–165, 2000. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-10.-Campo-da-imagem.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MEIRINHO, Daniel. A fotografia como suporte para o envolvimento nas pesquisas sociais. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 50, p. 11–23, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/13361/9059>. Acesso em: 05 jun. 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Lévy-Strauss volta à França. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/pQMwYfDypgmdJ4WsVdsJ4gj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mai. 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 455–475, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/jGbgpVMwvRTfyvVSXV4Vqmt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 57–67, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/245>. Acesso em: 02 jun. 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Por uma sensibilização do olhar – sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo. *GIS- Gesto, Imagem e Som*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1–10, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/179923/167868>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SAMAIN, Etienne. Antropologia visual e fotografia no Brasil: vinte anos e muito mais. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 115–132, 2005. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2020/02/2006_Antropologia_visual_e_fotografia_no_brasil_Etienne_Samain.pdf. Acesso em: 08 jun. 2023.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno/ memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 151–164, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1202864>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 391–431, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/XSKfp5J5QypfvMqdfssR6Jg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.